
INCIDÊNCIAS DA FILOSOFIA DE ERIC WEIL NA TEOLOGIA DE HENRI BOUILLARD*

Incidences of the philosophy of Eric Weil in the theology of Henri Bouillard

*Evanildo Costeki ***

RESUMO: O presente artigo procurará expor, em um primeiro momento, a interpretação de Bouillard da atitude da fé em Eric Weil e, depois, em um segundo momento, explorar a influência do pensamento weiliano sobre a teologia bouillardiana. É verdade que, em princípio, o sistema weiliano ignora tanto as religiões históricas quanto as reflexões filosóficas sobre Deus. Não obstante, o pensamento weiliano é essencialmente aberto a uma transcendência infinita, representada pela categoria Sentido da *Logique de la philosophie*. A originalidade de Bouillard está em aproximar essa transcendência filosófica com a experiência religiosa. Para fazer isso, ele nega toda possibilidade de acesso a Deus através da teologia filosófica natural e passa a defender uma teologia plural das diversas experiências religiosas, compreendidas na *Logique de la philosophie* como “poesia fundamental”, isto é, como produção de sentido concreto. É desse modo que, segundo Bouillard, as experiências religiosas, incluindo a fé cristã, podem encontrar espaço no sistema weiliano.

PALAVRAS-CHAVE: Teologia natural, Transcendência filosófica, Experiência religiosa.

ABSTRACT: The essay tries firstly to present Bouillard’s interpretation of the attitude of faith in Eric Weil and secondly to determine the influence of Weil’s thought on Bouillard’s theology. Weil’s system, although (at least in principle) not considering neither historic religions nor philosophical reflections on God, is essentially open to an infinite transcendence represented by the category of Meaning in *Logique de la Philosophie*. Bouillard’s originality refers to the approximation

* Artigo realizado com o apoio da CAPES e do CNPq.

** Professor de filosofia na Universidade Federal do Ceará. Artigo apresentado para avaliação em 08.07.2012 e aprovado para publicação em 12.07.2012.

between this philosophical transcendency with religious experience *via* the affirmation of a theology of different religious experiences in the detriment of all influences between access to God and natural philosophical theology. By interpreting the pluralism of religious experiences as *Logique de la Philosophie* “fundamental poetry” — i.e. as production of concrete meaning — Bouillard can stress the possibility of encounter between religious level (Christianity included) and Weil’s system.

KEYWORDS: Natural Theology, Philosophical Transcendence, Religious Experience.

Embora Henri Bouillard (1908-1981) não tenha elaborado um pensamento sistemático, é possível estabelecer um percurso progressivo em suas obras, que se inicia com a tese sobre S. Tomás nos anos 40¹, passa pelos volumes sobre K. Barth no final dos anos 50², pelos escritos sobre Blondel nos anos 60³, até chegar aos estudos sobre Weil nos anos 70⁴ e início da década de 80⁵. Além desses trabalhos, destacam-se, também, entre outros, os textos sobre Gabriel Marcel⁶, Kierkegaard⁷, Santo Anselmo⁸, Bultmann⁹ e Rahner¹⁰. Com todos os seus interlocutores, Bouillard estabelece um intenso diálogo sobre a relação fé e razão, atualizando, de forma original, na segunda metade do século XX, o *fides quaerens intellectum* de Santo Anselmo¹¹.

¹ BOUILLARD, H., *Conversion e grâce chez Saint Thomas d’Aquin*. Paris: Aubier, 1944.

² BOUILLARD, H., *Karl Barth*. Vol. I, II e III, Paris: Aubier, 1957,

³ BOUILLARD, H. *Blondel et le christianisme*. Paris: Seuil, 1961; *Philosophie et christianisme dans la pensée de Maurice Blondel*, in: BOUILLARD, H., *Logique de la foi*. Paris: Aubier, 1964, p. 169-192.

⁴ BOUILLARD, H., *Philosophie et religion dans l’oeuvre d’Eric Weil*. In: *Archives de Philosophie*, 40 (1977), p. 543-621.

⁵ BOUILLARD, H., *Transzendenz und Gott des Glaubens*, in: *Christlicher Glaube in moderner Gesellschaft*, t. 1. Freiburg, 1981, p. 87-131.

⁶ BOUILLARD, H., *Le mystère de l’être dans la pensée de Gabriel Marcel*, in: BOUILLARD, H., *Logique de la foi*, op. cit., p. 149-167.

⁷ BOUILLARD, H., *La foi d’après Kierkegaard*, in: H. BOUILLARD, *Logique de la foi*, op. cit., p. 67-85.

⁸ BOUILLARD, H., *Comprendre ce que l’on croit*. Paris: 1971, p. 18-42.

⁹ BOUILLARD, H., *Le problème de la démythisation selon Bultmann*, in: BOUILLARD, H., *La logique de la foi*, op. cit., p. 123-146.

¹⁰ Cf. BOUILLARD, H., *Comprendre ce que l’on croit*. Paris: 1971. Embora esta obra não seja específica sobre o pensamento de Rahner, a sua presença é muito evidente, desde o início do texto.

¹¹ Sobre o percurso filosófico-teológico de H. Bouillard, ver NEUFELD, K., “Comment parler de Dieu? Henri Bouillard (1908-1981)”, in: H. Bouillard, *Vérité du christianisme*. Paris: Desclée de Brouwer, 1989, p. 09-55 e LUCCHESI, B., “Le probleme de Dieu et de la Religion face au mystère Chrétien”, in: BOUILLARD, H., *Le Mystère chrétien à l’épreuve de la raison et de la foi*. Paris: Pierre Téqui, 2001, p. 13-70.

Karl Barth e a crítica à teologia natural

Para tratar da interpretação bouillardiana da filosofia weiliana, vale a pena destacar, primeiramente, alguns pontos da relação de Bouillard com K. Barth. Para isso, utilizaremos o texto de Bouillard publicado em 1967, intitulado *Connaissance de Dieu. Foi chrétienne et théologie naturelle*. Como é sabido, Barth rejeitou toda “teologia natural”, toda prova filosófica de Deus, todo apelo à “analogia do ser”¹². Segundo Bouillard, a rejeição dessas teses por Barth deveria levar os filósofos e teólogos católicos a uma nova meditação sobre a relação entre a fé cristã e o conhecimento natural de Deus, sobre as provas da existência de Deus e a doutrina tradicional da analogia¹³.

O que nos interessa no momento é a questão da teologia natural. Para Bouillard, a rejeição barthiana da teologia filosófica não é fundamentada em um agnosticismo ou ceticismo. Ele faz isso em nome da revelação Bíblica. Os homens podem conhecer “Deus”; porém, do ponto de vista da Escritura, esse “Deus” é claramente um ídolo¹⁴. Não é possível manter a fé na Revelação e, ao mesmo tempo, a “crença” na teologia natural¹⁵.

Bouillard decide levar a sério a crítica de Barth, mesmo assumindo a posição da tradição católica dogmatizada no Concílio Vaticano I. Se é verdade que se deve evitar o fideísmo imanente na concepção barthiana, é verdade, também, que a razão filosófica não é mais necessária para garantir a inteligibilidade da fé. Esta garantia é dada pelo próprio Deus, pois só podemos conhecer a Deus por Ele mesmo, isto é, através da Revelação. Isso é correto, porém, acrescenta Bouillard: somos nós que o conhecemos¹⁶. Qual seria, então, o significado da Revelação para o homem? Se, por um lado, é “a graça da revelação que nos permite confessar *que Deus se revelou* em Jesus Cristo, por outro lado, é o conhecimento natural que nos permite apreender que a palavra *Deus* tem um *sentido* para nós”¹⁷. Temos aqui uma condição transcendental, um *a priori*, sem a qual a própria fé e a revelação não poderiam ser reconhecidas pelo homem. É verdade que esse *a priori* não fornece nenhum conhecimento sobre a Encarnação ou sobre a Trindade, contudo, ele aparece para Bouillard como uma condição necessária. De fato, se Deus não fosse uma ideia sensata, se ele não aparecesse como um *a priori* transcendental em nossa consciência, “o anúncio de uma revelação divina não poderia se impor como verdade para nós”¹⁸.

¹² Cf. BOUILLARD, H., *Connaissance de Dieu. Foi chrétienne et théologie naturelle*. Paris: Aubier, 1967, p. 07.

¹³ BOUILLARD, H., *Connaissance de Dieu*, op. cit., p. 08.

¹⁴ Cf. BOUILLARD, H., *Connaissance de Dieu*, op. cit., p. 21-22.

¹⁵ Cf. BOUILLARD, H., *Connaissance de Dieu*, op. cit., p. 24-25.

¹⁶ Cf. BOUILLARD, H., *Connaissance de Dieu*, op. cit., p. 37-38; cf. também GEFFRÉ, C., “La leçon toujours actuelle d’Henri Bouillard”, in: *Recherches de science religieuse*, vol. 97/2 (2009) 220.

¹⁷ BOUILLARD, H., *Connaissance de Dieu*, op. cit., p. 37.

¹⁸ BOUILLARD, H., *Connaissance de Dieu*, op. cit., p. 39.

Bouillard assume, na sua crítica a Barth, a reviravolta transcendental do pensamento moderno, iniciado com Kant e assumido por Marechal e Rahner. Ele mesmo deixa isso claro: “A *cognitio naturalis* é, em termos metafísicos, o equivalente da *Erkenntnis a priori* kantiana”¹⁹. Observa-se, desse modo, que em 1967, Bouillard é, ainda, fiel aos princípios filosóficos da fé. Como nota Geffré, dez anos mais tarde, Bouillard não acreditará mais na possibilidade de um conhecimento filosófico natural de Deus²⁰. É justamente a proximidade com o pensamento filosófico de Eric Weil que o levará a abandonar definitivamente a teologia natural.

A atitude da fé em Eric Weil segundo Henri Bouillard

O nosso teólogo jesuíta cita Weil já na tese sobre K. Barth publicada em 1957²¹, no seu livro sobre Blondel de 1961²² e na sua *Logique de la Foi* publicada em 1964²³. Porém, é só na década de 70 que essa relação se intensifica. Nos anos 72 e 73, temos o seminário dirigido por Bouillard no *Institut Catholique de Paris*, intitulado *Les incidences de la philosophie d'Eric Weil sur la théologie chrétienne*²⁴. Mas é somente depois do grande artigo *Philosophie et religion dans l'oeuvre d'Eric Weil* de 1977²⁵ que podemos destacar a originalidade da interpretação bouillardiana sobre a obra de Weil. É preciso dizer que Bouillard não se atém apenas à categoria Deus da Lógica de Weil. O seu discurso envolve toda a *Logique de la philosophie*. Sendo assim, é importante expor, primeiramente, algumas ideias introdutórias a respeito da estrutura da *Logique* de Weil.

A *Logique de la philosophia*²⁶ articula dezesseis atitudes-categorias concretas e duas categorias formais, o Sentido e a Sabedoria, com a pretensão de compreender todos os discursos filosóficos produzidos pelo homem na história. A atitude é o modo como o homem vive naturalmente no mundo: “O homem se encontra no mundo (...) de uma certa maneira, vive em uma certa *atitude*”²⁷. Embora não sendo “necessariamente consciente”, a atitude

¹⁹ BOUILLARD, H., *Connaissance de Dieu*, op. cit., p. 38.

²⁰ Cf. GEFFRÉ, C., “La leçon toujours actuelle d'Henri Bouillard”, art. cit., p. 221.

²¹ Cf. BOUILLARD, H., *Karl Barth*. Vol. II, op. cit., p. 275 e 280.

²² Cf. BOUILLARD, H., *Blondel et le christianisme*, op. cit., p. 242.

²³ Cf. BOUILLARD, H., *Logique de la foi*, op. cit., p. 24.

²⁴ In: BOUILLARD, H., *Le Mystère chrétien à l'épreuve de la raison et de la foi*. Paris: Pierre Téqui, 2001, p. 501-512.

²⁵ Publicado originalmente em *Archives de philosophie*, op. cit., e, depois, em BOUILLARD, H., *Le Mystère Chrétien à l'épreuve de la raison et de la foi*. Paris: Pierre Téqui, 2001, p. 233-316.

²⁶ Sobre o que se segue, ver COSTESKI, E., *Atitude, Violência e Estado Mundial Democrático*. Sobre a Filosofia de Eric Weil. São Leopoldo/Fortaleza: Unisinos/UFC, 2009, p. 23-24.

²⁷ WEIL, E., *Logique de la philosophie*. Paris: Vrin, 1996, p. 70.

se realiza através de uma negação simples de si mesma, isto é, sem retornar reflexivamente sobre si, “na ação, no sentimento e na linguagem incoerente”²⁸. Por isso, é importante ressaltar que a primeira manifestação concreta da atitude na história não é, necessariamente, filosófica, mas, sobretudo, poética e, portanto, essencialmente violenta.

Evidentemente, enquanto expressão livre e poética do homem no mundo, as atitudes são infinitas e, como tais, irredutíveis ao discurso filosófico. Todavia, é sempre possível a atitude humana passar a se compreender no discurso filosófico. De fato, “toda atitude pode ser transformada em discurso” e, mais especificamente, *produzir* uma categoria de acordo com sua própria natureza²⁹. Mas isso não significa que a categoria contém todo o conteúdo da atitude. É verdade que, enquanto determinam o conteúdo das atitudes, as categorias têm primazia para o lógico da filosofia³⁰, todavia, a *Logique de la philosophie* compreende apenas a estrutura lógica e formal das categorias, não o conteúdo existencial das atitudes. Este permanece sempre indeterminado e violento para o sistema filosófico. A atitude pode, perfeitamente, opor-se ao discurso filosófico e realizar-se, como tal, na linguagem incoerente do poeta ou, ainda, no puro silêncio, entendido como recusa consciente do *lógos* filosófico.

Ressalta-se que Weil não apresenta, na *Logique de la philosophie*, nenhuma diferença qualitativo-essencial de uma atitude-categoria em relação a uma outra atitude-categoria. Todas as dezesseis atitudes-categorias concretas da *Logique de la philosophie* (Verdade, Não-Senso, o Verdadeiro e o Falso, Certeza, Discussão, Objeto, Eu, Deus, Condição, Consciência, Inteligência, Personalidade, Absoluto, Obra, Finito, Ação) são igualmente importantes e necessárias para o sistema.

Pelo fato de ser uma lógica dos discursos filosóficos produzidos por atitudes humanas, a *Logique de la philosophie* não desenvolve uma teoria de um Ser transcendente aos discursos humanos: “Esse Ser se mostra apenas no discurso, porquanto o discurso nunca sai de si mesmo”³¹. Em relação ao discurso ontológico do Ser, é a *Logique de la philosophie* que se apresenta como filosofia primeira:

A *filosofia primeira* não é, portanto, uma teoria do Ser, mas o desenvolvimento do *lógos*, do discurso, para si mesmo e por si mesmo, na realidade da existência humana, a qual se compreende nas suas realizações, na medida em que *quer* se compreender. Ela não é ontologia, é lógica, não do Ser, mas do discurso humano concreto, dos discursos que formam o discurso na sua unidade³².

²⁸ WEIL, E., *Logique de la philosophie*, op. cit., p. 70.

²⁹ Cf. WEIL, E., *Logique de la philosophie*, op. cit., p. 79.

³⁰ Chamamos de “lógico da filosofia” o filósofo que compreende a filosofia a partir da *Logique de la philosophie* de Eric Weil.

³¹ WEIL, E., *Logique de la philosophie*, op. cit., p. 67.

³² WEIL, E., *Logique de la philosophie*, op. cit., p. 69.

Diante disso, pergunta Bouillard: como as ideias de Deus, de fé e de religião podem ser compreendidas dentro da *Logique*?³³ Ora, se o discurso da *Lógica* de Weil não é uma teoria do Ser, é evidente que ela não pode tratar ontologicamente de Deus. Por isso, o capítulo sobre Deus da *Logique de la philosophie* não tem nada em comum com uma teologia natural. Deus não é para a *Lógica* um ser, mas uma categoria, isto é, um conceito organizador de um discurso, produzido por uma atitude particular, no caso, a atitude da fé³⁴. Mas como entender esta atitude?

Antes de tudo, é preciso assinalar que a fé que interessa a Weil não é a fé de uma religião positiva. Eric Weil quer captar a fé em sua pureza, longe de todo dogmatismo e de todo racionalismo teológico. O cristianismo, por exemplo, não pode ser pensado sem teologia, isto é, sem a linguagem filosófica grega. Por isso, na atitude-categoria de Deus, Weil se refere mais ao Antigo Testamento, onde é mais fácil apreender a fé em sua essência, entendida como sentimento religioso; sentimento que constitui o fundo do judaísmo e do islamismo e que, em sua vertente mística, teve também uma função muito importante no cristianismo³⁵.

O que interessa a Weil não é, portanto, o conteúdo teológico e racional da fé, mas mostrar “que a atitude da fé é sentimento e que sua linguagem é justamente a linguagem do sentimento”³⁶, linguagem essa compreendida na *Lógica* como essencialmente poética e mitológica. Isso não significa dizer que a fé é mero sentimentalismo e que, por isso, deveria ser desprezada pelo filósofo. Na linguagem do lógico da filosofia, dizer que a fé é sentimento significa dizer que é algo imediatamente vivido. Ora, o imediatamente vivido constitui justamente a origem da filosofia para Weil. É por isso, então, que a religião é compreendida na *Lógica* como um tipo de “poesia fundamental”, isto é, como um tipo de linguagem criadora de sentido concreto.

Desse modo, é evidente que o discurso sobre Deus da *Lógica da filosofia* não pode produzir uma teologia natural. A teologia racional conduz ao Deus dos filósofos, onde o sentimento só é compreendido enquanto pensado³⁷. Ela é um misto de sentimento e razão. Como esclarece Bouillard: “Ela é constituída por uma interpretação do sentimento religioso, da atitude pura da fé ou da categoria pura de Deus, por meio da ciência objetiva, mais precisamente, desta ciência primeira que é a ontologia platônica ou a ontologia aristotélica”³⁸. Por ser uma mistura de razão e fé, a teologia racional não contém nem a pureza da fé nem a racionalidade pura da razão.

³³ BOUILLARD, H., “Philosophie et religion dans l’oeuvre d’Eric Weil”, in: idem, *Vérité du christianisme*. Paris: Desclée de Brouwer, 1989, p. 237.

³⁴ Cf. BOUILLARD, H., “Philosophie et religion”, op. cit., p. 238.

³⁵ Cf. BOUILLARD, H., “Philosophie et religion”, op. cit., p. 239.

³⁶ BOUILLARD, H., “Philosophie et religion”, op. cit., p. 245.

³⁷ Cf. WEIL, E., *Logique de la philosophie*, op. cit., p. 200 e BOUILLARD, H., “Philosophie et religion”, op. cit., p. 326.

³⁸ BOUILLARD, H., “Philosophie et religion”, op. cit., p. 326.

Entretanto, se a compreensão da fé religiosa não pode ser ontológica, ela pode muito bem ser poética e mitológica. Com efeito, “a religião (não a teologia ou o dogma) é poesia, na medida em que designa a existência de mundos sensatos”³⁹. Para Weil, “O homem é *poeta* antes de ser filósofo e depois de ter sido”⁴⁰. Ora, isso pode ser aplicado perfeitamente aos profetas e crentes. Mas, atenção: dizer que o filósofo é poeta antes e depois da filosofia, não significa dizer que a filosofia deverá conduzir o filósofo a uma fé religiosa. A experiência religiosa é apenas um tipo de “poesia fundamental”. Existem outros tipos de poesia e de sentidos concretos, além da religião.

Segundo Weil, a fé religiosa não é universalizável: “a fé não é universalizável porque depende, segundo os próprios princípios do cristianismo, de um ato livre da graça”⁴¹. É verdade que, para os mesmos princípios cristãos e, em particular, para a tradição católica, a fé pode ser universalmente comunicável, visto que existe uma só fé e um só batismo. Contudo, Weil não está preocupado com o dogma objetivo da fé. Não lhe interessa aqui a dialética entre a adesão livre e pessoal a Deus (*fides qua*) com o discurso objetivo da fé (*fides quae*). O que surpreende é o fato de Bouillard aceitar simplesmente essa tese e não levar em conta a distinção teológica fundamental entre *fides qua* e *fides quae*⁴². Como consequência, ele termina por se afastar completamente de toda teologia natural e de todo discurso teológico tradicional. É possível manter, ainda, um certo “conhecimento natural” de Deus, defendido por São Paulo, pela Bíblia e pela tradição católica, porém, esse “conhecimento natural” não pode mais conduzir a uma ontologia. Ele carrega um fundo religioso, poético e mitológico insuperável. Segundo Bouillard, ao conduzir o crente à linguagem poética e mítica, a *Lógica da filosofia* torna possível e necessário uma nova hermenêutica teológica. Esta deve “substituir o funcionamento imaginário da representação religiosa pelo seu funcionamento simbólico”⁴³. Deus não pode mais ser objeto de pensamento. É preciso evitar “fazer ontologia sob o título de teologia”⁴⁴. Desse modo, Deus deixa de ser um ser pessoal, para se tornar um ser anônimo, uma ideia de liberdade e de Sentido, uma “flecha de sentido”, o eterno presente no tempo da história⁴⁵.

³⁹ BOUILLARD, H., “Philosophie et religion”, op. cit., p. 308.

⁴⁰ WEIL, E., *Logique de la philosophie*, op. cit., p. 421. Ver, também, BOUILLARD, H., “Philosophie et religion”, op. cit., p. 307-308.

⁴¹ WEIL, E., *Christianisme et politique. In: Essais et conférences*, vol. II, 1991, p. 77. Ver, também, BOUILLARD, H., “Philosophie et religion”, op. cit., p. 308.

⁴² Cf. LUCCHESI, B., “Le probleme de Dieu et de la Religion face au mystère Chrétien”, in: H. Bouillard. *Le Mystère chrétien à l'épreuve de la raison et de la foi*, op. cit., p. 54, nota 118.

⁴³ BOUILLARD, H. “Philosophie et religion”, op. cit., p. 246.

⁴⁴ WEIL, E., *Logique de la philosophie*, op. cit., p. 93.

⁴⁵ Cf. BOUILLARD, H., “Philosophie et religion”, op. cit., p. 309-310.

Transcendência filosófica e experiência religiosa

Mas como Deus poderá ser apresentado filosoficamente como “o eterno presente no tempo da história”? Para se alcançar esse novo conhecimento não-ontológico de Deus e da fé, Bouillard apresenta, primeiramente, em seu artigo “Transcendência e Deus da fé”⁴⁶, uma verdadeira desconstrução da teologia natural. Como já foi dito, Bouillard acredita que toda reflexão filosófica sobre Deus se apoia sobre uma fé religiosa originária. Isso é percebido tanto no pensamento filosófico clássico grego, quanto no pensamento medieval e no pensamento moderno. O problema é que essa fé não é mais pura, mas misturada com a razão filosófica. É verdade que São Tomás distinguiu a teologia natural, comum ao monoteísmo cristão, judaico e islâmico e a revelação evangélica, inacessível à razão natural. Ele é consciente de que o caráter racional da fé é apenas auxiliar. Mas essa distinção não será mais respeitada na idade moderna, a partir de Suarez e, principalmente, Descartes, Malebranche e Leibniz⁴⁷. A filosofia passa agora a ser autônoma em relação à revelação sobrenatural e à teologia cristã. É verdade que esses filósofos continuam a falar de Deus, mas eles falam de forma puramente racional, como uma mera demonstração geométrica e matemática, sem levar em consideração a revelação cristã sobrenatural. Não obstante isso é possível reconhecer, no fundo dessa racionalidade, certas concepções secularizadas da teologia cristã. Isso vale tanto para a modernidade clássica, como também para Kant, Hegel, Feurbach, Marx e Kojève, inclusive, na primeira metade do século XX, haja vista que a cultura em que eles vivem é ainda essencialmente cristã. O mesmo não pode ser dito do período contemporâneo, relativo à Europa da segunda metade do século XX.

Para o filósofo que vive em uma sociedade pós-cristã, o discurso sobre Deus pertence apenas à fé, à religião e à teologia, não à filosofia. É certo que alguns importantes filósofos cristãos do século XX continuarão a insistir em uma teologia filosófica. Bouillard cita, entre outros, as obras de K. Rahner, de Claude Bruaire e de Labarrière. Mas dificilmente essas obras convencerão àqueles que não professam a fé cristã.

Diante disso, pergunta Bouillard: como o filósofo cristão deve dialogar com os filósofos que se declaram estrangeiros ao discurso da religião positiva e que não acreditam mais em um Deus pessoal transcendente ao mundo? Deve admitir que esses filósofos são incoerentes? Não deveria reconhecer, ao contrário, que eles pensam a partir de uma cultura que não é mais cristã?

⁴⁶ Publicado originalmente em alemão, com o título *Transzendenz und Gott des Glaubens*, in: *Christlicher Glaube in moderner Gesellschaft*, t. 1. Freiburg, 1981, p. 87-131 e, depois, em francês, com o título *Transcendence et Dieu de la foi*, in: BOUILLARD, H., *Vérité du christianisme*, op. cit., p. 317-354.

⁴⁷ Cf. BOUILLARD, H., “Transcendence et Dieu de la foi”, op. cit., p. 340-341.

Paragonando a famosa afirmação de Bouillard, contida em sua tese sobre S. Tomás, ousamos dizer que a teologia, se quiser permanecer atual, deve abandonar o discurso ontológico⁴⁸. O Deus de Abraão não tem nada a ver com o Deus dos Filósofos. Paul Ricouer e Levinas perceberam isso claramente. No caso de Levinas, Bouillard compreende o interesse atual dos teólogos cristãos pela sua filosofia, construída, em nome da Bíblia, contra a teologia natural e a ontologia clássica. Ele mesmo estima muito o seu pensamento. O problema, para o teólogo cristão, é que a encarnação é impensável no pensamento levinasiano⁴⁹. Por isso, Bouillard acaba optando pela transcendência imanente de Eric Weil, entendida como o eterno presente no tempo da história.

No entanto, o abandono da teologia natural não significa o abandono de todo tipo de conhecimento de Deus. Como nota o teólogo dominicano Claude Geffré, Bouillard realiza, no final do artigo “Transcendência e Deus da fé”, a passagem da teologia filosófica clássica à teologia das religiões⁵⁰. O conhecimento de Deus não será mais um resultado do raciocínio filosófico, mas da própria experiência do ato religioso, realizado por todas as religiões, inclusive as não cristãs. No caso do cristianismo, a experiência e o conhecimento de Deus não podem ser feitos sem a encarnação de Jesus Cristo. Trata-se de uma experiência não universalizável, embora em princípio comunicável a todos⁵¹. Mas, atenção: a ideia weiliana do “eterno presente no tempo da história” não se relaciona diretamente com encarnação de Jesus Cristo. A experiência da transcendência em Weil é apenas filosófica. É a maneira como Weil compreende o Ser metafísico-ontológico tradicional, esse sobre-ser indescritível, indizível, mas capaz de fundar toda descrição, todo discurso e todo ser⁵².

Contudo, é possível inserir, dentro dessa compreensão filosófica, as diversas experiências religiosas particulares, entendidas como “poesia fundamental”, isto é, como experiências criadoras de sentido concreto. Entre essas, encontra-se certamente a experiência da encarnação de Jesus Cristo. Diz Bouillard: “... o caminho que conduz a filosofia ao sentido, à eternidade da

⁴⁸ “Une théologie qui ne serait pas actuelle serait une théologie fautive”, cf. BOUILLARD, H., *Conversion e grâce chez Saint Thomas d’Aquin*, op. cit., p. 219. Nesse aspecto, Bouillard vai além da teologia hermenêutica de Claude Geffré. É verdade que Geffré critica já em 1972 o discurso teológico metafísico tradicional, que trata Deus como Substância ou como um Ser objetivo; porém, ele continua a afirmar que a teologia do futuro será ainda ontológica, visto que não deixará de pensar Deus como Ser, no âmbito da história e da escatologia, cf. GEFFRÉ, C., “Sens et non-sens d’une théologie non métaphysique”. In: *Concilium: Revue Internationale de Théologie*, vol. 76 (1972) 89-98. Para Bouillard, ao contrário, não existe mais nenhuma possibilidade de se pensar Deus como Ser. Como já foi dito acima, a hermenêutica teológica deverá abandonar toda possibilidade de representação e de construção de um saber universal, para se tornar puramente simbólica, voltada ao pensamento mítico e poético oriundo dos diversos tipos de experiências religiosas particulares.

⁴⁹ Cf. BOUILLARD, H., “Transcendence et Dieu de la foi”, op. cit., p. 332.

⁵⁰ Cf. GEFFRÉ, C., “La leçon toujours actuelle d’Henri Bouillard”, art. cit., p. 219-222.

⁵¹ Cf. BOUILLARD, H., “Transcendence et Dieu de la foi”, op. cit., p. 348.

⁵² Cf. WEIL, E., *Logique de la philosophie*, op. cit., p. 06.

presença no tempo da história, pode se tornar um lugar onde se apreende pela fé e pela experiência teológica o sentido concreto do poema da Bíblia: a presença de Deus que se revela em Jesus Cristo⁵³. É por isso que Bouillard prefere Eric Weil a Levinas⁵⁴.

Isso não significa que a filosofia weiliana seja suficiente para o teólogo. A fé cristã no Crucificado não pode ser exaurida pelo discurso filosófico, incluída aí a transcendência weiliana. “Mas constatar uma insuficiência da filosofia (ou das ciências humanas) não autoriza o teólogo a apresentar a fé como um farol no qual a luz de Deus propagaria um saber universal e absoluto. A revelação de Deus em Jesus Cristo esclarece os nossos caminhos apenas passo-a-passo. Como disse o salmista a respeito da Torá: ela é *lucerna pedibus meis*”⁵⁵.

Essas foram as últimas palavras publicadas em vida por Bouillard. Segundo K. Neufeld, elas indicam um duplo sentido: apresentam a confiança e a segurança do crente, na medida em que ele pode e deve ir adiante e, ao mesmo tempo, insinuam essa convicção que marca toda a vida de Bouillard, a saber, testemunhar o mistério cristão e dar sempre razão da fé em uma sociedade ocidental plenamente secularizada, sem, no entanto, dogmatizar um conteúdo teológico universal⁵⁶. Como afirma nosso teólogo, na conclusão da segunda parte do seu estudo sobre K. Barth: “Se a teologia quer ter um *sentido*, ela deve renunciar a se tornar um discurso sobre o homem enunciado do ponto de vista de Deus; ela deve permanecer discurso do homem que reconhece a presença de Deus”⁵⁷. O mistério divino deve ser descoberto passo-a-passo, nas diversas experiências religiosas. Essa também é uma experiência da encarnação de Jesus Cristo.

Evanildo Costeki: Mestre e Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1997 e 2004). Atua nos campos de Filosofia contemporânea, Filosofia política internacional. Temas específicos de pesquisa: ensino de filosofia, Kiekegaard, Eric Weil, indivíduo, violência.

Endereço: Universidade Federal do Ceará
Av. da Universidade, 2853 – Benfica
60020-181 Fortaleza – CE

⁵³ Cf. BOUILLARD, H., “Transcendence et Dieu de la foi”, op. cit., p. 350.

⁵⁴ Sobre a relação de Weil e Levinas nos últimos trabalhos teológicos de Bouillard, ver o artigo de CASTRO, M.: “Trace de la transcendance et figure du Christ: Henri Bouillard lecteur d’Emmanuel Lévinas”, in: *Laval théologique et philosophique*, vol. 64 (2008) 455-466. Os seminários sobre Levinas e Weil dirigidos por Bouillard no *Institut Catholique de Paris* nos anos 70 e início dos anos 80 permanecem ainda inéditos, conservados em um “Fonds Bouillard”, nos “Archives jésuites de France”, cf. CASTRO, M., art. cit., p. 455, nota 01.

⁵⁵ Cf. BOUILLARD, H., “Transcendence et Dieu de la foi”, op. cit., p. 352.

⁵⁶ Cf. NEUFELD, K., “Comment parler de Dieu? Henri Bouillard (1908-1981)”, op. cit., p. 52.

⁵⁷ BOUILLARD, H., *Karl Barth*, op. cit., p. 300.